



## **EDITORIAL**

Os organizadores

---

Prezada leitora, prezado leitor,

Eis o volume III, número 2, 2017, de nossa revista. Como vocês devem ter notado, temos conseguido manter a periodicidade semestral rigorosamente. O que é mais, normalmente cada número sai no início do semestre, não no final. Isso facilita a organização do currículo dos autores: textos que saem lá para o final de dezembro em geral não chegam a tempo de ser incluídos na produção do ano em curso. Como verão, este número de ECO-REBEL conta com artigos de três linguistas estrangeiros. O primeiro é ninguém mais, ninguém menos que Noam Chomsky, talvez o linguista mais conhecido mundialmente. O segundo é o ecolinguista Peter Mühlhäusler, da Universidade de Adelaide, Austrália. O terceiro é o ecolinguista português Rui Ramos, que tem colaborado frequentemente com o movimento ecolinguístico brasileiro, sempre com abordagens provocadoras. Vejamos uma breve apresentação de todos os artigos que compõem este número.

O artigo de Noam Chomsky "Biolinguística e a capacidade humana" está aqui publicado porque traz ideias muito interessantes para o entendimento da caixa preta que é o ecossistema mental da língua. Chomsky é sabidamente um paladino da visão de língua como fenômeno mental. Temos certeza de que ele será útil àqueles que se dedicam a esse aspecto da língua. Além disso, o texto toca na questão da biolinguística, que pode ser considerada uma prima da linguística ecossistêmica. Ele é o resultado de uma palestra que o autor proferiu no MTA (Academia Húngara de Ciências), em Budapest, 17 de maio de 2004. Ele está disponível no original inglês no *site* do autor <https://chomsky.info/20040517/> e é publicado em versão portuguesa pela primeira vez neste número de ECO-REBEL, com autorização do autor. O texto foi traduzido do inglês pela estudiosa de gramática gerativa Heloísa Maria Moreira Lima Salles, a quem agradecemos.

O ensaio "O conceito de texto na linguística ecossistêmica", de Hildo do Couto, foi apresentado no II Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística, UEG-Formosa

(GO), de 11 a 13 novembro de 2015, como se vê no *site* do evento <http://iiebime.blogspot.com.br/p/atas.html>. Trata-se da primeira tentativa de caracterizar o texto da perspectiva ecolinguística, no caso, a linguística ecossistêmica. Esperamos que ele possa ser útil aos estudiosos dessa vertente da ecolinguística que queiram analisar textos-discursos, sobretudo pela análise do discurso ecológica.

O texto seguinte, "O trajeto e a rua: a linguagem da cidade e a socialidade urbana", de Elza Kioko do Couto e Antônio Busnardo Filho, trata de uma questão que muito interessa aos praticantes de linguística ecossistêmica, ou seja, a cidade como linguagem. Na cidade temos representantes de todos os segmentos da sociedade e de sua variedade linguística. Mas, a própria cidade como ambiente construído é também vista como linguagem. O artigo mostra que ela exemplifica bem o lado proxêmico e o cinésico da linguagem, fazendo dela uma realidade semiótica por excelência, além dos aspectos arquiteturais e outros.

Em seguida vem o artigo de Anderson N. da Silva, "A criação de simulacros sobre o ecossistema linguístico: a comunicação virtual em jogos de RPG e MMORPG". Trata-se de criar realidades virtuais, mas simulando realidades do mundo real. O texto nos leva a refletir sobre desterritorialização e a questão de que não há mais espaço físico, só espaço virtual, tema bastante polêmico.

O artigo de Rui Ramos, "O interdiscurso ambiental no discurso político contemporâneo em Portugal", contrapõe o discurso ambiental e o discurso político, a propósito dos programas e/ou manifestos dos partidos políticos portugueses durante as eleições legislativas de 2002 a 2009. Há grandes diferenças ideológicas entre as duas posições e a posição do autor é bastante polêmica, podendo dar margem a críticas por parte dos partidos de "esquerda".

Por fim, temos o minitexto "Ecologia das línguas" de Peter Mühlhäusler. Ele fora divulgado originalmente em <http://cilp.arts.usyd.edu.au/Themes/CILP-LEcology.html> (acesso: 10/02/2002), mas o *site* saiu do ar inopinadamente. Devido a seu valor histórico e à importância do autor no movimento ecolinguístico mundial, reproduzimos esta tradução com autorização do autor. Ele foi escrito em uma época em que a ecolinguística estava apenas despontando. No entanto, contém diversas propostas interessantes que valem a pena ser levadas em consideração. Ele foi produzido então como uma espécie de agenda para a disciplina.

## ECO - REBEL

O número se encerra com uma resenha da tese de Mário Luís Monachesi Gaio, intitulada *Etnicidade linguística em movimento: os processos de transculturalidade revelados nos brasileirítalos do eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora*. Ela foi defendida na Universidade Federal Fluminense (Niterói), sob a orientação de Mônica Savedra. Trata-se de uma tese defendida fora do eixo Brasília-Goiânia que aplica o modelo da linguística ecossistêmica. Por esses e outros motivos está inteiramente no âmbito de interesse de ECO-REBEL. A resenha foi feita por Elza Kioko N. N. do Couto. A segunda resenha é da recém-lançada revista *Language Ecology* v. 1, n. 1, 2017. General Editors: Umberto Ansaldo & Lisa Lim. Amsterdam: John Benjamins Company. ISSN 2452-1949 / E-ISSN 2452-2147, 103p., resenhada por Hildo Honório do Couto.

Boa leitura!

Ecolinguística: Revista Brasileira de  
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 3, n. 2, 2017.